



Luiz Carlos Sá

O Criador e a Criatura

Casos de amor, vocês bem sabem, não mandam aviso: podem acontecer a qualquer momento, em qualquer lugar. Você mal tem tempo de apoiar-se na mesa mais próxima! As pernas afrouxam, a cabeça roda e os olhos só conseguem enxergar aquele objeto de desejo pairando diante de você, como que sustentado por anjos invisíveis. Comigo também foi assim. Aliás, pior. Porque quando a conheci ela estava nos braços de outro.

Era uma típica tarde paulista de inverno. Cheguei ao meu estúdio – o Vice Versa, ali na Alves Guimarães – onde me esperava o Jorge Omar, grande guitarrista e arranjador que trabalhava conosco há algum tempo produzindo jingles, depois de ter deixado a banda de Ney Matogrosso. Como nem todos os dias eu aparecia lá, Jorge me ligara em casa e pedira que eu fosse porque tinha que ter uma conversa séria comigo.

Entrei na técnica devagar e como os spots principais estavam apagados levei um tempinho para me acostumar ao ambiente iluminado apenas pelos displays da mesa e dos periféricos. Jorge estava lá no outro canto, distraído, e não percebera minha entrada. Foi então que vi meu amor.

Ela não parecia desconfortável, pousada assim quase descuidadamente no colo do meu amigo, que a acariciava de leve, passando os dedos pela extensão do braço moreno que parecia vestido de um tecido com pequenos traços horizontais que brilhavam fracamente. O corpo dela era de uma elegância óbvia e recostava-se suavemente no ombro de Jorge. Senti-me como um invasor e parei de repente, quase assustado por aquela visão fantasmagoricamente bela.

Só então ele percebeu minha chegada. Virou a cadeira lentamente e sorriu:

– Está gostando da minha linda?

Ele levantou-se e – oh, Deus! – trouxe-a para meu colo

– Vai. Toca. Está plugada.

Fiquei mudo e sem ação. Ela estava em meus braços. E não tinha nem dez minutos que eu a conhecia! Jorge continuou: – É uma Guild X160 modelo Duane Eddy, de 1962, com a alavanca Bigsby original. Sente o braço.

Enquanto eu permanecia em um semitranse e achava acordes que eu pensava não existirem naquele braço de seda, Jorge foi me falando porque me chamara:

Porque você pode ter muitos instrumentos, mas sabe aquele que vai ser dono da sua mente e do seu coração na hora mesma em que o vê na frente. Lá fomos nós pelo mundo, eu e minha Guild

– Estou parando.

Deixei a guitarra de lado, surpreso, e começamos a conversar. A família dele estava crescendo e Jorge não agüentava mais a instabilidade da profissão. Fizera uns meses antes um concurso para o Banco do Brasil e tinha agora que assumir o cargo.

Gaguejei uma meia dúzia de palavras para tentar demovê-lo, mas não conseguia ser convincente. Eu sabia que o instrumentista que não canta nem compõe passa por dificuldades muito maiores do que nós, cantores-compositores. Mas fiquei entristecido por saber que a música perdia mais um round. Jorge estava irredutível:

– Estou vendendo tudo. Inclusive a Guild.

– A Guild também?

– E pelo jeito vai ser para você...

E assim foi. Na desilusão de um amigo encontrei meu

amor. Bom caráter como sempre, Jorge fez um prego honesto e ainda facilitou, embora soubesse que eu daria minha última peça de roupa por aquela guitarra. Porque você pode ter muitos instrumentos, mas sabe aquele que vai ser dono da sua mente e do seu coração na hora mesma em que o vê na frente. Lá fomos nós pelo mundo, eu e minha Guild.

Em 1989, por exemplo, fizemos nossa primeira tour aos EUA. Submetida às “gentilezas” dos valorosos cavaleiros da SATA, a guitarra chegou em Nova Iorque precisando de uma regulamentação. Indicaram-me um luthier que ficava em cima da Sam Ash e lá fui eu dragando o portentoso case de aço e alumínio pelas escadas acima. Entrei em uma sala caótica, com cadáveres de guitarras, baixos e violões por todos os lados e coloquei estrepitosamente o case, terror dos roadies e carregadores pelo seu peso e porte, em cima do balcão. Do meio daqueles cadáveres surgiu um senhor baixinho e gordote de cabelos ensebados e óculos de fundo de garrafa. Com seu forte sotaque foi logo perguntando o que eu queria ao mesmo tempo em que berrava qualquer coisa em espanhol para algum auxiliar perdido naquela confusão. Então era dos nossos! Melhores chances para a Guild, pensei eu, e fui logo falando em espanhol. O mau humor dele não melhorou nada. “Por favor, tire essa caixa de cima do meu balcão e me mostre a guitarra”, disse, olhando para o teto em busca de não sei o quê. Fiz que não entendi – não ia colocar minha Guild em cima daquele balcão – e apenas abri o case. Quando ele olhou de volta, transfigurou-se:

– Duane Eddy! Es una Duane Eddy!

Virou a guitarra com cuidado e correu os olhos pelo braço atrás do número de série. Ficou sério. Olhou para mim e atrás daquelas lentes grossas posso jurar que vi uma lágrima:

– Yo la hizo!

Fiquei surpreso. Não sabia se acreditava ou não. Ele mesmo tinha feito justamente aquela guitarra? Sem que eu perguntasse nada ele foi contando sua história: era uruguaio de origem e tinha vindo para os EUA no final da década de 50 especialmente contratado pela Guild que era então uma firma ainda quase artesanal de Hoboken, New Jersey, comandada pelo ex-guitarrista e luthier Alfred Dronge, um perfeccionista obsessi-

vo que a fundara em 1952. Para fazer frente à crescente demanda de guitarras semi-acústicas trazidas pela redescoberta da folk-music e pelas primeiras investidas do conseqüente folk-rock, a Guild resolvera lançar a X160, que teve umas cem unidades levemente modificadas e assinadas por Duane Eddy. Aqui, um parêntese biográfico: Duane foi o guitarrista que alçou a guitarra de rock, antes restrita à base, à condição de solo. Paul McCartney, Ry Cooder, John Fogerty e George Harrison gravaram com ele em finais da década de 80. Seus discos vendem até hoje, já tendo ultrapassado os cem milhões de cópias!

Mas, enfim, lá estava eu cara a cara com o Criador da minha Criatura. Deixei-a entregue ao “pai” e fui apanhá-la três dias depois. A Guild reluzia como nova. Peguei meu case, paguei ao velho luthier e ia saindo quando o ouvi chamar-me. Ele saiu detrás dos seus mistérios pendurados, passou pelo balcão, postou-se à minha frente, olhou nos meus olhos e disse:

– Cinco mil dólares.

– Hein?

– Por su guitarra. Cinco mil dólares.

Caí do céu. Não porque achasse que ela não valesse, mas pela expressão no rosto do velho. Ele parecia realmente estar perdendo uma filha.

– Lo siento, señor. No la quiero vender.

O velho luthier suspirou fundo. Pareceu-me de novo entrever aquela tal lágrima por detrás das lentes. Mas fiquei firme. Amor é amor. E desde que eu me havia desfeito de uma Les Paul Custom tempos antes, havia aprendido que só se vende um instrumento ou quando ele é ruim ou para não se passar fome, com preferência para o primeiro caso...

Ele acabou por conformar-se: “Lo hace bien, lo hace bien”, disse, e voltou para seus cadáveres.

E assim seguimos juntos, eu e minha Guild. Através das desilusões e dos desejos alheios, para o que der e vier, nos bons e nos maus tempos. De vez em quando eu a tiro do seu monstruoso case e toco um pouco. Logo chegará certamente a hora de pô-la de novo em ação.

Porque ela é minha menina. E eu sou o menino dela. 

Nota da redação: Este artigo é uma republicação, pois o colunista, o músico Luiz Carlos Sá, está em trabalho intenso para o lançamento do seu novo CD.